



***PERFORMATIZAÇÕES DA LINGUAGEM PARA QUEER(CUIR)IZAR AS MASCULINIDADES NO VOLEIBOL***

***PERFORMATIZACIONES DE LENGUAJE PARA QUEER(CUIR)IZAR LAS MASCULINIDADES EN EL VOLEIBOL***

***LANGUAGE PERFORMATIZATIONS TO QUEER(CUIR)IZE MASCULINITIES IN VOLLEYBALL***

*Leandro Teofilo de Brito*<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este artigo busca discutir enunciações subversivas proferidas por jovens atletas de voleibol, que se identificavam como homens cisgêneros homossexuais e bissexuais, e os seus efeitos performativos no contexto esportivo pesquisado. Como referencial teórico mobilizei os estudos *queer/cuir* em textos de Judith Butler, Paul Preciado, Eve Sedgwick, entre outros, além do pensamento da desconstrução de Jacques Derrida. Os caminhos metodológicos também foram conduzidos pela perspectiva *queer/cuir*, por meio de observações participantes, conversas informais e entrevista narrativa. Entre os resultados, as enunciações performatizadas pelos jovens atletas desestabilizaram a identificação unívoca da masculinidade normalizadora naquele espaço, visibilizando, ainda que dentro de um contexto restrito, possibilidades alternativas de performatizações das masculinidades em um contexto esportivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidades. *Queer/Cuir*. Voleibol.

**RESUMEN**

Este artículo busca discutir declaraciones subversivas hechas por jóvenes atletas de voleibol, quienes se identificaron como hombres 412esportiv, homosexuales y bissexuales, y sus efectos performativos um el contexto 412esportivo investigado. Como referente teórico, movilicé los 412esporti *queer/cuir* um textos de Judith Butler, Paul Preciado, Eve Sedgwick, entre otros, además del 412esportivo deconstructivo de Jacques Derrida. Los 412esporti metodológicos también fueron guiados por la perspectiva *queer/cuir*, através de observaciones participantes, conversaciones informales y entrevistas narrativas. Entre los resultados, las enunciaciones realizadas por jóvenes deportistas desestabilizaron la identificación unívoca de la 412esportivo412de normalizadora um um espacio,

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

visibilizando, incluso dentro de um contexto restringido, 413esportivo413des alternativas de realización de masculinidades um um contexto 413esportivo.

**PALABRAS-CLAVE:** Masculinidades. *Queer/Cuir*. Vôleibol.

### ABSTRACT

This article seeks to discuss subversive statements made by young volleyball athletes, who identified themselves as cisgender homosexual and bisexual men, and their performative effects in the researched sporting context. As a theoretical reference, I mobilized queer/cuir studies in texts by Judith Butler, Paul Preciado, Eve Sedgwick, among others, in addition to the deconstruction thought of Jacques Derrida. The methodological paths were also guided by the queer/cuir perspective, through participant observations, informal conversations and narrative interviews. Among the results, the enunciations performed by young athletes destabilized the univocal identification of normalizing masculinity in that space, making visible, even within a restricted context, alternative possibilities for performing masculinities in a sporting context.

**KEYWORDS:** Masculinities. *Queer/Cuir*. Volleyball.

\*\*\*

### Introdução

Em uma sexta-feira de treinos que antecedia torneio importante em que a equipe juvenil participaria no dia seguinte, o treinador une os jogadores no centro da quadra para uma conversa após uma hora de bate-bola ininterrupto: “Eu só queria dizer pra vocês que eu não os conheço, não tenho intimidade com vocês... nem com quem está aqui há bastante tempo e também não quero ter. Também não sei o que vocês fazem aqui fora do clube e nem quero saber, mas galera... tá muita viadagem aqui, papo de viado o tempo todo... não dá! Muita falação de coisas que não tem nada a ver com o que a gente faz aqui, muita conversa paralela... falta postura na hora que a gente treina. Postura de cabra macho, de homem que eu falo”. Os jovens atletas mantinham-se calados e sérios durante a fala do treinador (Registro de observação de treino realizada no dia 9 de dezembro de 2016).

O trecho apresentado diz respeito à observação participante realizada em clube localizado na cidade do Rio de Janeiro, que desenvolve trabalho de iniciação ao voleibol com jovens que se identificavam com o gênero masculino. Conforme o fragmento, um dos treinadores da equipe sub-19 (juvenil) se mostrou incomodado quando os jogadores presentes no treino enunciavam expressões que subvertiam identificações normalizadoras da masculinidade. Neste treino, havia 15 jogadores dos 18 que faziam parte da equipe juvenil e, segundo o treinador, 13 ou 14 dos que estavam ali identificavam-se como homens homossexuais e bissexuais:

Alguns eu sei que são, porque dá pra perceber ou porque falam mesmo sobre a sexualidade abertamente. Outros a gente só percebe mesmo quando se misturam [...]. Ainda mais igual hoje que estão tudo atacado, você está até vendo, você presenciou a cena [...]. Eu não tenho nada contra, não posso ter preconceito, já te falei, mas hoje estava demais (Treinador em 9 de dezembro de 2016).

No contexto dos treinos que acompanhei durante a pesquisa de campo, era recorrente estes jovens atletas interagindo entre si por meio de identificações no feminino, assim como em auto e mútuas nomeações por termos como “bicha”, “mana”, “passiva”, “amiga”, entre outros, que eram proferidos com intuito de uma apropriação afirmativa em suas identificações.

Para discutir tais questões, busco fundamentação nos estudos *queer*. Para a teórica feminista Judith Butler, *queer*<sup>2</sup>, em sua definição, pode ser compreendido como um movimento de oposição a todas as reivindicações essencialistas e estáveis voltadas às identidades sexuais e generificadas (BUTLER, 2022). *Queer* é uma perspectiva desconstrucionista e pós-identitária que, segundo o teórico espanhol Paul Preciado: “Tratava-se de questionar a epistemologia binária e naturalizada afirmando diante dela uma multiplicidade irreduzível de sexos, gêneros e sexualidades” (PRECIADO, 2020, p. 315).

Sobre os estudos *queer*, Salih (2012) destaca que eles surgiram da tensa aliança entre teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas, buscando investigar e desconstruir a categoria sujeito:

Enquanto os estudos de gênero, os estudos gays e lésbicos e a teoria feminista podem ter tomado a existência de “o sujeito” (isto é, o sujeito gay, o sujeito lésbico, a “fêmea”, o sujeito “feminino”) como um pressuposto, a teoria *queer* empreende uma investigação e uma desconstrução dessas categorias, afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e “generificadas”. (p. 20).

Spargo (2006) reconhece a expressão linguística *queer* como um termo que se define, independente de funcionar como substantivo, adjetivo ou verbo, contra as normalizações, um quadro que não pode ser considerado singular, conceitual ou sistemático, mas sim reconhecido por meio de compromissos intelectuais relacionados a questões sobre sexo, gênero e sexualidade, uma escola de pensamento com visão

---

<sup>2</sup> *Queer* é um termo estadunidense que, em seu sentido “original”, significava insultos a pessoas desviantes das normas sexuais e de gênero (BUTLER, 2019).

heterodoxa e múltipla. Para a autora, o termo *queer* descreve um leque diverso de práticas relacionadas a críticas ao sistema sexo-gênero, a sexualidades não normativas, pessoas transgêneras, desejos transgressivos, como o sadomasoquismo, por exemplo, expressos por meio de textos literários, livros, filmes, músicas e imagens.

Nesse contexto, voltando às enunciações subversivas proferidas pelos jovens atletas, reconheço que a reapropriação do que se reconhecia como xingamento, são atos de fala repetidos por sujeitos que colocam em evidência “a força política da citação descontextualizada de um insulto homofóbico e da inversão das posições hegemônicas que este provoca” (PRECIADO, 2014, p. 28), o que se nomeia de performatividade *queer*, noção que foi desenvolvida pela teórica *queer* Eve Sedgwick a partir da teorização da performatividade.

O poder da linguagem de construir realidades, participar da criação dos sentidos em circulação na sociedade, por meio de sua repetição e reiteração contínuas, é nomeado por Butler (2021, p. 22) como performatividade da linguagem: “A linguagem é um nome para o que fazemos: tanto ‘o que’ nós fazemos (o nome da ação que performatizamos de maneira característica) como aquilo que temos como efeito, o ato e suas consequências”.

Reconhecer a dimensão performativa da linguagem, implica admitir a possibilidade de se produzir efeitos pelo que se enuncia, criando realidades. Para Pinto (2007, p. 2): “Definir a própria linguagem como performativa, se tomado radicalmente, traz à tona a ideia de que todos os enunciados, todos os atos de fala, tudo o que dizemos faz”.

Judith Butler articula à performatividade, a teorização derridiana de iterabilidade, que diz respeito à impossibilidade da repetição plena de um enunciado, já que afetações diversas implicam na possibilidade de ruptura com o sentido prévio da enunciação, assumindo novos contextos e produzindo outras significações (DERRIDA, 1991; BUTLER, 2021).

Desse modo, para ela, o gênero é performativo, pois diz respeito a falas, movimentos particulares, atos e gestos, que repetidos pelas normas da heterossexualidade compulsória, buscam enquadrar os sujeitos em modelos binários, coerentes e inteligíveis de sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2015). Em termos mais materializados, ter nascido com um pênis direciona o sujeito a performatizar o gênero masculino e expressar um desejo heterossexual. Todavia, esse é um processo iterável pelas possibilidades que os sujeitos têm de escaparem das normas, isto é, de romperem com a arbitrariedade das regulações sociais que buscam normalizar a generificação de seus corpos.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2015, p. 244).

É com base nessa teorização que o termo performatividade *queer* é desenvolvido pelas proposições de Sedgwick (1993). Ao discutir a ressignificação do termo *queer* como uma posição política de contestação, a autora afirma que experiências de humilhação, sofrimento e vergonha vivenciadas por pessoas dissidentes da ordem sexual e de gênero são transformadas em força política de resistência por meio do poder performativo da enunciação. A teórica localiza a performatividade *queer* no caminho contrário ao essencialismo identitário ao destacar que a performatividade já é uma categoria *queer*, já que os estudos da linguagem a colocaram como um objeto de reflexão, pelas possibilidades dela em produzir efeitos e criar realidades, assim como também a possibilidade de se ocupar do poder de enunciação para criar posições (SEDGWICK, 1993).

Autonomear-se por expressões que significavam anteriormente apenas a injúria, exprime o poder performativo da enunciação *queer*, como exemplifica mais uma vez Preciado (2014, p. 28):

Dessa maneira, sapatona passa de um insulto pronunciado pelos sujeitos heterossexuais para marcar as lésbicas como “abjetas”, para se transformar, posteriormente, em uma autodenominação contestadora e produtiva de um grupo de “corpos abjetos” que, pela primeira vez, tomam a palavra e reclamam sua própria identidade.

Butler (2019), promovendo reflexões maiores, argumenta que o termo *queer* é uma interpelação construída dubiamente por força e oposição, por estabilidade e variabilidade nas enunciações do discurso. Opera como uma prática linguística que tem ao mesmo tempo o propósito de degradação, pelo sentido da injúria, e constituição de uma pessoa como sujeito, pela afirmação identitária. Os dois sentidos levam em consideração as convenções sociais e a historicidade do poder, não permitindo interpretações que afirmam o sujeito como origem e como aquele que se constitui apenas por aquilo que diz.

A autora, nessa discussão, problematiza as reivindicações políticas que recorrem às categorias de identidade para permitir o ato de nomear-se e para determinar as condições as quais se tem o poder para a autonegação. Butler (2019) destaca que é impossível manter o controle dessas questões dentro do contexto do discurso, pois os processos de autodeterminação e autonegação refutam qualquer possibilidade de autonomia. Desse modo, propõe que o termo *queer*, pelo seu sentido contingente e como um lugar de luta coletiva, deva ser repensado pelos sujeitos com objetivos políticos de expansão e de ações políticas e intervenções mais efetivas do que apenas como defesa da identidade – diga-se da identidade fixa, estabilizada.

Considerando tais proposições, destaco algumas questões que subsidiam esta pesquisa: Quais efeitos performativos são produzidos quando jovens atletas de voleibol se utilizam da linguagem subversiva nas interações com seus pares? A heteronormatividade que se faz presente nos espaços esportivos masculinos é desestabilizada por meio de tais práticas? Como as masculinidades são performatizadas no contexto do voleibol que será problematizado neste texto? Desse modo, busco, neste artigo, discutir enunciações subversivas proferidas por jovens atletas de voleibol, que se identificavam como homens cisgêneros homossexuais e bissexuais, e os seus efeitos performativos no contexto esportivo pesquisado.

### **Masculinidades *queer*(cuir)izadas**

A masculinidade como um indecível permite que se atribua um viés antiessencialista a seus sentidos, um movimento de deslocamento permanente, que não estabelece um lugar único e fixo para o masculino. Um deslizamento radical das solidificações e sedimentações de sentidos sobre a masculinidade (BRITO, 2021, p. 6).

Meu caminho de articulação da masculinidade com a teoria *queer* é pensá-la como uma categoria vazia ou em termos derridianos, como um indecível: algo ambivalente, que diz respeito aos sentidos indetermináveis, uma não verdade, um não lugar e/ou entre-lugar, que não se reduz a uma oposição clássica binária – nem/nem (DERRIDA, 2001, 2013).

Tal aposta é mobilizada pelo pensamento da desconstrução de Derrida (1991), para rejeitar o caráter fixo, permanente e restritivo da oposição binária, que se expressa nas dicotomias homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, entre outras. O filósofo busca promover com o pensamento da desconstrução o que chama de

duplo gesto, que ocorre por meio de dois momentos constituintes da atividade desconstrutiva: a inversão e o deslocamento. No primeiro momento, a inversão vai buscar colocar em destaque o que foi reprimido, para no movimento de deslocamento, ir além das dicotomias e dos binarismos, rompendo com qualquer nova hierarquização (CULLER, 1997; HADDOCK-LOBO, 2008; RODRIGUES, 2009).

A noção proposta pelo filósofo é potente, dentro de uma crítica pós-estruturalista à noção de identidade, pois a assume sem qualquer fundamento essencialista: “desconstrução não consiste em passar de um conceito para outro, mas em modificar e em deslocar uma ordem conceitual assim como a ordem não conceitual à qual se articula” (DERRIDA, 1991, p. 372).

Com a noção de desconstrução, Derrida (2001) postula um movimento contínuo de inversão e deslocamento, na medida em que não se instituem novas oposições e sim um permanente deslocar-se e diferir-se denominado de *différance*: “é o jogo sistemático das diferenças, dos rastros da diferença, do espaçamento pelo qual os espaçamentos se remetem um ao outro” (p. 33).

*Différance* vem do verbo *différer* (diferir), que significa retardar, adiar, protelar, prorrogar, isto é, pode-se afirmar que a *différance* diz respeito a um permanente processo de diferenciação: “Está no jogo de remetimentos com o outro, jogo a partir do qual as referências são constituídas, num devir permanente em que a identidade fixa é substituída pelos efeitos de um processo contínuo de deslocamento” (RODRIGUES, 2009, p. 43).

Assim, articula-se a aproximação do pensamento derridiano com a teoria *queer*, pois ao passo que a naturalização das identidades sexuais e generificadas é colocada em xeque, sua potencialidade se mostra produtiva no olhar para a diferença. Em acordo com Salih (2012, p. 19): “o *queer* não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação”.

As interpretações e apropriações da teoria *queer* no contexto latino-americano ocorreram em meio a disputas político-epistemológicas<sup>3</sup> e traduções como “cuir”, a qual assumo neste artigo, são iterações do termo *queer* enunciadas em algumas pesquisas na América Latina. Nesse sentido, apresento dois operadores de pesquisa para problematizar a *queer*(cuir)ização das masculinidades no contexto esportivo do voleibol que será discutido: masculinidade normalizadora e masculinidade cuir.

---

<sup>3</sup> Para ampliação desse debate sugiro as leituras de Pereira (2015) e Pelúcio (2016).

Concebo masculinidade normalizadora pela teorização da performatividade de gênero, entendendo que a repetição das normas generificadas ocorre em meio a jogos de poder, contextos e afetações diversas que disputam sentidos do que é tido como normal, anormal, do que é considerado masculino, não masculino, feminino, ambíguo, entre outras atribuições regulatórias direcionadas às masculinidades na ordem social.

Como bem destacou Butler (2022, p. 26):

Termos como “masculino” e “feminino” são notoriamente mutáveis; existem histórias sociais para cada um deles; seus significados mudam de forma radical dependendo das fronteiras geopolíticas e dos constrangimentos culturais sobre quem imagina quem e para que fim.

O operador de pesquisa masculinidade cuir diz respeito a um processo permanente de desestabilização dos sentidos mais normalizadores do masculino, que pode ser compreendido como um horizonte, um caminho a ser alcançado, como uma busca constante por uma perspectiva alteritária para as masculinidades na contemporaneidade. Concebo a masculinidade cuir nos rastros da *différance*, como algo que posterga, que desloca para o futuro, para supor um permanente processo de diferenciação, uma diferença ativa (RODRIGUES, 2009) e assim caminhar para a aposta na *queer*(cuir)ização das masculinidades.

A masculinidade *queer*/cuir/kuir se traduz em um horizonte que nega as estabilizações sedimentadas e que são forçosamente impostas para o masculino. Enuncia performatizações que jamais se cristalizam, valendo-se dessa instabilidade radical para potencializar identificações inumeráveis do masculino, almejando a desidentificação como estratégia política potencializadora para afirmar a diferença sobre as significações da masculinidade. (BRITO, 2021, p. 10).

Apresento na sequência as construções metodológicas para a produção das informações no campo de pesquisa.

### ***Queer*(cuir)izando as informações do campo**

Considerando a instabilidade radical e o caráter desconstrucionista dos estudos *queer*/cuir, mobilizo um caminho de pesquisa para interpretar a focalização dos deslocamentos nas identificações de gênero e orientação sexual dos sujeitos participantes. Todavia, uma pesquisa operacionalizada pelo pensamento *queer*/cuir deve atentar para

alguns cuidados, conforme Browne, Vieira e Silva (2014, p. 259) destacam: “não consideramos *queer* como uma metodologia, mas sim as implicações do pensamento *queer* para os métodos de pesquisa”.

Nesse caminho, Judith Butler reconheceu que o termo *queer/cuir* se ressignificou e tem sido utilizado de maneira diferente do que proposto inicialmente: “tenho bastante certeza de que quase todos achavam que ‘*queer*’ não deveria ser uma identidade, mas sim nomear algo da trajetória incapturável ou imprevisível de uma vida sexual” (BUTLER; AHMED, 2017, n. p.). Ainda assim, também reconheceu que não deve ser nenhuma surpresa as direções que tomam o termo *queer/cuir*, já que ele tem viajado para diferentes lugares e as possibilidades de mutação de seu sentido inicial são possíveis.

Será que ainda temos a posse do termo *queer* – ou qualquer um desses termos – sem deixá-los monopolizar a diferença, permitindo um certo movimento de pensamento que é grato a seus críticos por nos deixar pensar algo novo, que fica feliz de estar inserido numa aliança emergente e não o sinal último de sua unidade? (BUTLER; AHMED, 2017, n. p.).

Garcia (2012) aponta que o pensamento *queer/cuir* nas pesquisas recusa qualquer cânone ou corrente de pesquisa social fixa e estável, pois traz inovações metodológicas e teóricas nascidas a partir da combinação de teorizações desenvolvidas em contextos particulares, comportando discussões filosóficas, sociológicas, antropológicas e diferentes abordagens disciplinares que se dedicam ao campo dos estudos de gênero e sexualidade. Nesse sentido, a perspectiva *queer/cuir* não se apresenta como “método”, mas um modo de engajamento teórico e/ou conceitual, que “busca a compreensão que constitui e desestabiliza a pesquisa convencional, alterando as esferas fundacionais das identidades, do social e as conceitualizações de realidade que a ciência social investiga” (GARCIA, 2012, p. 242).

O teórico estadunidense Jack Halberstam também foi outro pesquisador do campo dos estudos de gênero e sexualidade que se deteve numa explanação teórica sobre a perspectiva *queer/cuir* como configuração de pesquisa. Por se utilizar de diferentes métodos como textos críticos, etnografia, estudos históricos, pesquisa com arquivos e taxonomias, Halberstam (2008) caracteriza a perspectiva de pesquisa *queer/cuir* como um modo flexível em que se busca investigar as identificações de gênero e sexualidade não normativas, afirmando também haver, em sua crítica, uma certa insatisfação com os métodos acadêmicos convencionais de pesquisa.

O autor reconhece que as investigações nessa perspectiva podem vir a sofrer críticas por ter a teoria *queer*/*cuir* como base metodológica, todavia defende que os métodos tradicionais de investigações nas ciências sociais e humanas, algumas vezes, não dão conta de especificidades nas pesquisas sobre gênero e sexualidade: “A metodologia *queer* tenta combinar métodos que muitas vezes parecem contraditórios entre si e rejeita a pressão acadêmica que busca uma coerência entre as disciplinas” (HALBERSTAM, 2008, p. 35).

León (2012) também foi outro autor que teorizou sobre a perspectiva *queer* nas pesquisas, ao concebê-la como uma analítica anarquista da sexualidade – *anarcoqueer*, conforme a nomeia – e localizando as sexualidades não normativas como nômades. O pesquisador, a partir de uma ampla discussão que traz de Michel Foucault as teorizações sobre sujeito e discurso, e Judith Butler com a noção de gênero performativo, afirma que o debate metodológico no campo *queer*/*cuir* passa pela negação de preceitos tradicionais de pesquisas preconizados nas ciências humanas e sociais.

Nesse contexto, afirma que a multiplicidade das identificações, enunciando que gênero, orientação sexual, classe, etnia, raça, geração, nacionalidade, entre outros se articulam a partir das subjetividades dos sujeitos, construindo assim um pressuposto do uso da perspectiva *queer*/*cuir* nas pesquisas: “Cada investigação é singular. Assim, o método é construído nessa singularidade e só serve naquele momento. Não se difunde em manuais, mas tão somente na descrição daquela investigação. É híbrido e provisório” (LEÓN, 2012, p. 232-233).

A partir das posições assumidas, afirmo minha aposta na perspectiva *queer*/*cuir* como um caminho metodológico nas pesquisas sobre gênero e sexualidade, desmontando e questionando as naturalizações normativas dos processos de investigação do campo das ciências sociais e humanas. Desse modo, as informações produzidas no campo e que serão interpretadas pelo pensamento *queer*/*cuir* dizem respeito a minha tese de doutorado<sup>4</sup>, que abordou a aproximação de jovens que se identificavam como homens cisgêneros homossexuais e bissexuais com o voleibol (BRITO, 2018).

Os relatos descritos foram gerados por meio de observações participantes em treinos de uma equipe sub-19. No contexto das observações, realizei também entrevistas informais com os sujeitos – treinador e jovens atletas – que apresento em interlocução com as observações. Construí as descrições dos eventos observados e das conversas

---

<sup>4</sup> A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) por meio do número 1.774.702.

informais por meio de anotações feitas em diário de campo. As visitas ao clube, localizado na zona norte do Rio de Janeiro, aconteceram entre os meses de outubro e dezembro de 2016. No âmbito geral, a pesquisa contou com a participação de 20 jovens atletas cariocas deste e de outros clubes.

Assim, Rooke (2010) destaca que o olhar do pesquisador deve estar atento às subjetividades sexuais presentes no campo de pesquisa, pois as dimensões emocionais e intersubjetivas possibilitam relatos potentes que mostram os efeitos performativos nas realidades e práticas cotidianas vividas por sujeitos que fogem das normatividades sociais vigentes. Tal afirmação foi levada em consideração durante a realização de observações participantes nos treinos de voleibol em questão.

Além disso, trago trechos de uma entrevista narrativa produzida de modo individual com um jovem atleta que atuava no clube pesquisado. As entrevistas narrativas na pesquisa foram operacionalizadas pelos princípios da noção dialógica de narrativa de Leonor Arfuch. A autora postula que a operacionalização de entrevistas deve levar em consideração, além do diálogo pautado numa relação horizontal entre pesquisador e sujeitos participantes, “uma teoria do sujeito que considere seu caráter não essencial, seu posicionamento contingente e móvel nas diversas tramas em que sua voz se torna significativa” (ARFUCH, 2010, p. 31-32).

As narrativas, como uma das múltiplas formas que integram o espaço biográfico, considerada uma das grandes divisões do discurso e dimensão configurativa de toda experiência, “adquire relevância filosófica ao postular uma relação possível entre tempo do mundo da vida, o tempo do relato e o tempo da leitura” (ARFUCH, 2010, p. 112).

Para organizar e interpretar os textos produzidos pelas observações, pelas conversas informais e pela entrevista narrativa, baseio-me na proposta de contextos de iteração (LEITE, 2017).

Ao repetirmos um enunciado, seus conteúdos ganham sentido na relação com os outros que o precederam, implicando deslocamentos quanto ao que se repete, considerando que todos esses conteúdos estão imbricados e apresentam significação contingente. Nesse sentido, para Leite (2017, p. 173): “As identificações e as significações com que nos organizamos e vivemos nossa vida cotidiana são, portanto, construídas pela permanente e difusa iteração/repetição/deslocamento de sentidos”. Desse modo, a repetição de enunciados não se processa em completude e é tida também como contingente, permitindo assim a possibilidade de maiores ou de menores

deslocamentos, a depender das disputas que ocorrem em torno dessa enunciação e da contingência em que se enuncia.

Na proposta da organização dos textos produzidos pela pesquisa em contextos de iteração, considera-se a abertura e a instabilidade dos contextos em geral, pois, concordando com Derrida (1991, p. 13), “um contexto nunca é absolutamente determinável ou, antes, em que sua determinação nunca está assegurada ou saturada”.

Nessa mesma direção, Phoenix (2013) ao discorrer sobre os contextos na pesquisa em ciências humanas e sociais, com foco na construção de identidades, destaca que o contexto local, tido como o mais imediato, o que inclui o aspecto relacional do contato entre pesquisador e sujeitos, possui uma relação inexorável com contextos sociais mais amplos, o que permite reconhecer sua possibilidade de abertura.

Assim, as informações produzidas no campo são um contexto de dialogia que não se esgotam no espaço-tempo desse encontro, trazendo notícias da ordem social mais ampla em que se insere. Desse modo, subdivido os contextos em focalizações parciais, definidas conforme se identificam iterações de interesse para a pesquisa – daí o nome “contextos de iteração”.

Tais iterações foram lidas nas informações produzidas no campo, buscando dessa forma identificar o contexto – aberto e instável - mais imediato das enunciações, ou seja, o conteúdo interpretado. Assim, arbitrei o agrupamento desses contextos, baseando-me no que propõe Leite (2017, p.175), ao considerar “a dupla determinação que deriva das indagações colocadas pela pesquisa e da abertura aos descaminhos da enunciação contingente”.

Os contextos de iteração que proponho para problematizar as informações produzidas no campo são: performatizações da linguagem e desestabilizando a masculinidade normalizadora. Na sequência, apresento e problematizo as informações produzidas em campo.

### **“Vai na bola, viado”: performatizações da linguagem**

Ao chegarem para os treinos no clube, os jovens atletas mantinham um ritual de se encaminharem para as arquibancadas, onde colocavam o uniforme de treino, tênis, joelheiras, manguito (brac), entre outros apetrechos de proteção utilizados para a prática do vôlei e aproveitavam esse momento para conversar sobre diferentes assuntos. Inclusive assuntos que se distanciavam completamente do esporte, como filmes, programas de

televisão, músicas, saídas noturnas, festas, namoros, entre outros. Havia também um tipo de cumprimento repetido, em que os jogadores faziam ao chegar no ginásio: batiam as duas mãos e davam dois beijinhos no rosto (Registros de observações de treinos em 18/11/2016; 19/11/2016; 25/11/2016; e 9/12/2016).

Os treinadores também ficavam próximos às arquibancadas antes de iniciar as atividades e ao me ver fazendo anotações no diário de campo, o treinador principal da equipe se colocou:

Treinador: Você vê né... isso na minha época não tinha...

Leandro: Oi! O que é que não tinha? Colocar tantas proteções pra jogar?

Treinador: Também, mas não é isso não... esse jeito deles que você está vendo e anotando aí. Um chamando o outro de bicha, viado... mão na cintura, beijinho quando chega, beijinho quando vai embora, mão quebrada, desmunhecada... você lembra das jogadoras peruanas da década de 80?

Leandro: (risos) Sim, lembro... Rosa Garcia, Gabriela Perez... lembro sim... bastante...

Treinador: Então... olho pra eles e me vem elas na cabeça. Elas eram super mulherzinhas, maior carão, mão sempre desmunhecada indo pro saque, vaidosas, se arrumavam todas pra jogar... esses meninos de hoje são a cópia delas (risos). Olho pra mão deles desmunhecada com manguito no braço e vem na cabeça elas. Esses meninos têm a mesma postura de voleibol feminino. Vontade de pegar eles, sacudir e falar “vira homem, mermão” (Registro de observação de treino em 25/11/2016).

As performatizações de gênero encenadas pelos jovens atletas, tidas como abjetas naquele espaço, sobretudo num contexto que legitima uma identificação mais normalizadora do masculino entre seus praticantes, era deslegitimada pelo treinador. Desse modo, ele adota postura conservadora em seu discurso ao se colocar incomodado com tais gestualizações e, embora não tenha ocorrido em todos os momentos em que estive presente nas observações dos treinamentos de voleibol, o treinador procurava de forma recorrente inibir entre os jogadores tal postura.

O incômodo se voltava, conforme o diálogo apresentado, para uma performatização de masculinidade dissidente, próxima aos sentidos do feminino, que os jovens atletas encenavam naquele espaço. Borrillo (2010) ao problematizar o simbolismo da homofobia entre homens, destaca que a lógica binária presente em nossa sociedade androcêntrica legitima e aprecia valores considerados masculinos em detrimento do feminino e, nesse contexto, o cúmulo da ausência de virilidade está na assemelhação com a feminilidade. Nesse sentido, a aproximação entre homofobia e masculinidade constitui

elementos que legitimam um jeito único de ser homem na socialização masculina e que é reiterada pelo treinador. Nas palavras do autor: “ser homem implica menosprezar as mulheres e detestar os homossexuais” (BORRILLO, 2010, p.89).

O termo abjeto, utilizado nessa interpretação, é discutido por Butler (2015) tomando como referência Kristeva (1988), para abordar a repulsa sobre o outro, descartado como um excremento, como algo expelido do corpo. Entretanto, é justamente nessa exclusão, que o sujeito se estabelece, pois o discurso do treinador não se mostrava completamente efetivo. A interpelação reiterada para que os jovens atletas “virassem homens” tornou-se algo como um “ritual” no contexto pesquisado, todavia sua repetição engendra tanto as possibilidades de sedimentação das normas como seu fracasso. Para Butler (2021) nem toda enunciação possui força performativa politicamente relevante para modificar uma realidade:

Se eu enunciar um fracasso performativo, isto é, se eu der uma ordem e ninguém ouvi-la ou obedecer a ela, se eu fizer uma promessa e não houver ninguém a quem ou diante de quem essa promessa possa ser feita, eu ainda assim estarei performatizando um ato, mas esse ato terá pouco ou nenhum efeito (ou, pelo menos, não o efeito que o ato supõe). [...]. Agir linguisticamente não implica necessariamente produzir efeitos e, nesse sentido, um ato de fala nem sempre é uma ação efetiva.

Assim, mesmo recorrentemente interpelados pelo treinador para “não dar pinta”, os jovens atletas continuavam a remeter-se uns aos outros por enunciações subversivas como “mana”, “viado”, “bicha”, “passiva”, entre outras. Durante os treinamentos, construíam-se outras enunciações em cima destas citadas, que se expressavam como significados de estímulos ao rendimento deles dentro de quadra: “dá o nome nessa bola, linda”, “crava, mana”, “vai na bola, viado, “se joga na defesa, mona” e “atenção no passe, gata” (Registros de observações de treinos em 19/11/2016, 25/11/2016 e 9/12/2016).

Recorro a Butler (2019) mais uma vez para reconhecer que a força citacional das normas de gênero quando reiteradas pelas instituições sociais, e o esporte pode ser colocado entre elas, criam efeitos na compreensão de gênero dentro de enquadramentos regulatórios. Todavia, nesse mesmo lugar de repetição da norma, ela pode ser refutada, possibilitando novas formulações que refaçam as estabilizações sedimentadas.

Nesse sentido, a ressignificação do termo *queer*/*cuir* sugere uma citação que desloca os propósitos originais da fala, produzindo inversão em seus efeitos ao marcar um “discurso que pode ser devolvido ao falante de uma forma diferente, que ele pode ser

citado contra seus propósitos originais e performatizar uma inversão de efeitos” (BUTLER, 2021, p. 32). A ideia de movimento na resignificação do termo *queer*/*cuir*, permite compreender sua reformulação ao ser apropriada nas enunciações dos jovens atletas de voleibol como forma de resistir ao preconceito presente naquele espaço esportivo.

Avançando nessa discussão, interroguei estes jovens sobre o uso de tais enunciações, assim como os constantes pedidos do treinador para que eles se apresentassem de forma “mais discreta” no local de treino. Destaco algumas falas:

Nem acho que é implicância do técnico. Eu acho que é porque às vezes o gay atleta dá muita pinta, dá muito... fica muito... tipo, extravasa muito... isso que eu queria dizer e aí atrapalha no ritmo, entendeu? Vê se os meninos héteros abrem a boca? Nem se ouve um pio deles (Lucão)

[...] não é que você vai ficar durão igual um machão e tal, cada um tem seu jeito e ele não vai conseguir mudar a gente dando esporro nos treinos. Ele só não quer que a pinta influencie no seu vôlei, porque ou você joga ou você dá pinta, não tem como fazer os dois. A gente aqui as vezes exagera (Batata)

Essa coisa da gente falar uma com a outra com nome de bicha, mana, viado... é uma forma de se colocar pra frente nos treinos, nos jogos... a gente se motiva assim, se puxando, se colocando pra cima numa bola errada ou até mesmo quando uma dá o nome no jogo (Egonu)

Porque quando você está com os seus amigos assim, que são gays, tipo aqui, você acaba se soltando um pouco mais, entendeu? Nas conversas, nas roupas... uniforme de treino, que eu quero dizer, quando a gente coloca o short curto... não tem jeito. Aqui no vôlei sempre vai ser assim (Careca)

Parte das falas dos jovens atletas repetem a heteronorma, quando legitimam o discurso do técnico de que não é permitido “dar pinta”. A justificativa dada por eles, reiterando tal imposição, é de que atrapalharia o rendimento nos treinos. Entretanto, paradoxalmente, também afirmavam a defesa de enunciações subversivas como forma de estímulo nos treinos e jogos de voleibol e pela presença dos pares naquele espaço, propiciando um ambiente que permitiria, pelo menos entre eles, tanto enunciações subversivas, como performatizações de masculinidades dissidentes à norma. O discurso (hetero)normalizado e a performatividade de gênero disruptiva são paradoxos que se faziam presentes naquele contexto esportivo vivenciado pelos jovens atletas.

Para Saéz e Carrascosa (2014), a reiteração da masculinidade na norma se produz por meio de valores como risco, força, violência, morte e perigo, e os homens, incluindo

homens não heterossexuais, são educados por esses valores pela família, meios de comunicação e cultura, de um modo geral. Desse modo, não surpreende que algumas enunciações de jovens não heterossexuais reproduzam os sentidos normativos exigidos pelo treinador, que pode ser interpretado pelas relações de poder e controle na hierarquização técnico/atletas.

### **“Mas vai ter sim pinta, mancha e o que for em quadra”: desestabilizando a masculinidade normalizadora**

Nesta sessão, trago trecho da entrevista narrativa com o jovem que se nomeia como Hugo – 19 anos, se identificava como homem branco, cisgênero e homossexual. Seus relatos convergem com algumas posições discutidas, mas apresenta também outras enunciações, que entendo como relevantes para desestabilização da masculinidade normalizadora naquele contexto:

Leandro: E você é fã de alguém no vôlei?

Hugo: Eu sou muito fã da Sheilla. Muito fã, muito fã. Eu vou pro aeroporto, tenho milhões de fotos, ela me chama pelo nome. Já fui pra puta que pariu atrás dela, tipo em Osasco... só não fui na Turquia, porque não dava pra ir ver ela jogar lá. Enfim, a gente já se conhece há anos... desde que eu comecei a jogar...

Leandro: É mesmo? Vocês têm esse contato direto?

Hugo: Temos sim... bastante. Desde que eu comecei a acompanhá-la e ela percebeu, passou a me reconhecer como um fã...

Leandro: E por que tantos meninos fãs das jogadoras?

Hugo: Eu acho que é por causa do sucesso do feminino. Não gosto de pensar nessa história de que “ah, é gay e gosta de tal jogadora. Ah, é gay é quer ser tal jogadora”. Não é porque a gente é gay e afeminado que quer ser mulher, essa coisa de associar feminino com ser gay é muito complicada. Cai numa caixinha fechada e as pessoas acham que todo mundo é igual. As pessoas não são iguais.

Leandro: Sim, entendi e concordo com você

Hugo: É outra questão. Eu acho que, se eu sou um gay afeminado e tal e eu quero gritar num jogo, afrontar, eu quero ser desse jeito porque eu gosto de ser assim e não porque eu estou vendo uma mulher jogando na tv ou porque eu gosto de uma jogadora que eu quero ser ela ou mesmo porque eu sou gay, entende?

Leandro: Entendo... entra numa norma

Hugo: Numa norma chata. Quero ser assim porque eu gosto de ser assim. Tem gay que é mais padãozinho, tem gay que é mais gordo, tem gay que é mais magro, tem quem é mais afeminado, tem um mais durão, um que se esconde mais e vai indo. Nada de caixas, de padrões...

Leandro: E assim, você acha que o vôlei... apesar de ter essa predominância de muitos atletas gays ainda é um espaço preconceituoso?

Hugo: Olha, eu acho que depende... depende do local, de quem comanda... mas a maioria que eu conheço não, porque todos as ligas que a gente joga a predominância é... tem gays em todos os times  
Leandro: Muitos, né?  
Hugo: Muitos e todos aceitam. Todos os técnicos e tudo mais. Eu acho que todos sempre me aceitaram, nunca...

A narrativa de Hugo apresenta interessante posicionamento político e crítico. O jovem atleta, reconhecendo-se como um sujeito que performatiza uma masculinidade que se desvia da norma, questiona a naturalização de comportamentos atribuídos aos jogadores não heterossexuais, como a permanente aproximação da corporalidade desses sujeitos com um suposto feminino. De maneira bastante firme e politizada, Hugo posiciona-se contrário à exigência de seu treinador de que ele e seus companheiros de equipe normalizem suas performatizações de masculinidades nos treinos e jogos de voleibol, conforme a continuidade da narrativa:

Leandro: Nunca vivenciou uma situação de preconceito? Você ser chamado atenção, do tipo “Tá dando muita pinta e tal”?

Hugo: Não. Acho que só o nosso técnico que é meio durão com isso. Já falei isso com ele. Como capitão da equipe, conversei já, debati com ele milhões de vezes. Eu acho que se não fosse os gays afeminados, se não fosse os que botassem saia e saíssem na rua gritando mil vezes “sou viado mesmo”, a gente não teria as poucas conquistas que temos. Porque eu acho que quem sofre preconceito não é só o gay, né? O pai sofre junto com o gay... a mãe sofre, o amigo sofre. Existem milhões de casos que não é só o gay que apanha. Um garoto estava andando com o pai na rua, acharam que ele era namorado do pai e apanhou junto. O técnico reproduz esse discurso machista. Independentemente dele ter vindo de uma outra época, que o pessoal tinha que ficar na dele, pessoal que é gay. Aí ele fala “meus amigos me beijam no rosto e eu não sou preconceituoso”. Ok, mas pera aí, porque é que o viadinho que, como ele diz, “viadinho que bate palma, grita, fala miando”, não pode ser beijado no rosto e respeitado da mesma forma? Eu acho que o respeito tem que ser pra todo mundo, independentemente de ser afeminado ou não. Eu não concordo. Já falei isso pra ele dez milhões de vezes. Acho que se não fosse pelo pessoal que dá pinta a gente nunca teria saído do armário, a discursão não estaria como está hoje na tv. Claro que ainda falta muito, mas não estaria tão aberta. As pessoas não teriam tanta coragem. Não teria drag queen sendo cantora, não teria esse espaço na mídia, gays no esporte, as trans no vôlei... odeio também os gays aqui que concordam com ele “ah, vamos segurar a pinta hoje porque ele falou que é feio”. Foda-se! Eu não vou segurar nada, eu sou o que sou e acabou. Gay reproduzindo machismo, homofobia... isso é uma vergonha!

Leandro: É verdade!

Hugo: Acho que se a gente não bater no nosso peito e assumir quem a gente é, não vai ter jeito nenhum de mudança. Acho que diminuir uma pessoa por ela ser mais afeminada que você, ou que “ai, que fala meio

manhoso e tal”, que fala “é viadinho e depois apanha e não sabe o porque”. Eu acho isso o cumulo do absurdo.

Leandro: Você está certo!

Hugo: O jeito que ele fala “Ah, e apanha e depois vai pra rua”. Eu odeio. Eu detesto escutar isso. Porque eu já falei com ele dez milhões de vezes sobre isso. Sou totalmente ao contrário disso. Eu acho que se a gente é gay, a gente tem que apoiar a nossa causa. Não é que eu tô andando de... se eu quiser andar de saia... eu não mereço apanhar porque eu tô andando de saia.

Leandro: Claro!

Hugo: Se eu bater palma, gritar no jogo, afrontar... então eu mereço apanhar? Entendeu? Assim como quem nasce negro, não merece ouvir racismo porque nasceu negro. Mulher não tem que sofrer machismo porque quis botar uma roupa curta. Eu acho que é um pensamento que ele carrega que é hierárquico. Claro que a sociedade é assim, né? A sociedade bota isso na nossa cabeça. Mas se a gente não desconstruir, a gente vai pra sempre reproduzir esse discurso. Eu não concordo nem um pouco, eu acho que até você já percebeu. Sempre que debato com ele, não concordo de jeito nenhum, mais ainda quando ele fala essas coisas. Fico me remoendo, porque eu odeio, detesto. Ele fala “não, porque homem tem que ter postura”. O que é ter postura? Não sei o que é ter postura. Tem muita coisa que eu não concordo. Você sabe. Eu sempre falo com ele, sempre debato...

Leandro: Sim...

Hugo: Falei pra ele já que a gente vai dar pinta na quadra sim, ali é o momento de visibilidade nosso, da gente aparecer, das pessoas verem que tem gays atletas de vôlei, que quem sabe um dia, um de nós vire atleta profissional, jogue uma superliga, jogue numa liga fora do país... mas vai ter sim pinta, mancha e o que for em quadra. As pessoas vão olhar e vão perceber que tem jogadores homossexuais em quadra e que merecemos respeito tanto quanto os atletas heteros.

Os relatos do jovem atleta se aproximam bastante da aposta central deste artigo, que é a *queer*(cuir)ização das masculinidades, quando a defesa da infinitude de identificações para o masculino se mostra enfática em suas enunciações na entrevista. Butler (2017) afirma que ter seu gênero policiado é uma das formas graves de violência sofridas por sujeitos que se identificam como não heteronormativos e que o exercício de liberdade de viver o gênero nos espaços públicos é uma reivindicação legítima dessas pessoas, mas também afirma: “A performatividade de gênero, em particular, pode ser entendida como aquele exercício de liberdade em público que vem com muitos riscos e que ameaça expor-nos a condições de precariedade” (p. 38). Por tais posições assumidas no clube em que joga, Hugo fica suscetível aos riscos que podem incidir no prosseguimento de seus objetivos como atleta de voleibol naquele espaço, entretanto suas reivindicações, frente ao treinador, desestabilizam os sentidos conservadores, que circulam como força nos espaços do esporte e que são muito presentes nas vivências de homens atletas não heterossexuais.

Saéz e Carrascosa (2014), ao retomarem o indecível derridiano, apontam que “ser homem” é um lugar vazio, pois é impossível definir em que consiste ser um homem. Para os autores, o sentido de “ser homem”, num regime heterocentrado<sup>5</sup>, significa não ser mulher e não ser homossexual e sua reiteração se dá justamente por uma tentativa de repetição de gestos estéticos ou de condutas que, legitimados socialmente, formam a ideia de uma performance masculina que é enquadrada na norma. Esse é o sentido que o treinador de Hugo legitima no espaço do voleibol pesquisado, inibindo performatizações outras que, naquele contexto, se aproximariam de sentidos do feminino.

Assim, os autores nomeiam de “pluma hetero” os ritos da masculinidade compulsiva, visível nas performatizações de gênero de muitos homens heterossexuais, como a repetição ostensiva de atos e gestos masculinizantes, confirmando que “ser homem” é apenas um projeto arquitetado pelo regime heterocentrado:

A repetição ostensiva e ostentosa de gritos, falatórios, violência, cusparadas, futebol, coação de saco, motores, playboy, testosterona, cabelo no peito, Revista Placar, perigo, touros, alcoolismos, vagabundos, quadrilhas, cantadas, sinuca, empurrões... ou seja, essa condenação à repetição em que consiste a vida cotidiana de muitos homens hetero. (SAÉZ; CARRASCOSA, 2014, p. 128).

Entretanto, a norma, mesmo sendo operada pelo processo de repetição, sobretudo quando regula identidades inteligíveis dentro das matrizes hierárquicas do gênero e da heterossexualidade compulsória e que se impõem por efeitos substancializantes, pode fracassar. A ação, que se processa com o intuito de materializar a norma, deve ser interpretada como uma iteração, isto é, como possibilidade de variação e ressignificação dessa repetição, tendo em vista que: “A ordem de ser de um dado gênero produz fracassos necessários, uma variedade de configurações incoerentes que, em sua multiplicidade, excedem e desafiam a ordem pela qual foram geradas” (BUTLER, 2015, p. 250).

Destaco que a masculinidade normalizadora, mesmo que insistentemente exigida pelo treinador do clube de voleibol pesquisado, por meio de dispositivos regulatórios diversos, não parece apresentar força suficiente para dominar tal espaço-tempo e, em alguma medida, falha em instituir-se como única performatização de masculinidade reconhecida em legitimidade entre os jovens atletas em questão. Ainda que se tentasse enquadrar essas masculinidades dissidentes como abjetas, elas disputavam a

---

<sup>5</sup> O termo heterocentrado diz respeito a uma crítica às identificações sexuais binárias, questionando a ordem que se estabelece e se legitima na exclusão de corpos não conformes às normas (PRECIADO, 2014).

desestabilização de sentidos da masculinidade normalizadora, possibilitando que outras identificações do masculino pudessem ser performatizadas naquele contexto esportivo. Desse modo, interpreto que a masculinidade cuir vislumbra-se como um horizonte nas possibilidades de agência e resistência dos jovens jogadores às regulações vivenciadas.

Como bem colocou Vidarte (2019, p. 61):

A existência política nasce de uma posição de sujeito que luta. Uma posição de sujeito que nasce de uma decisão voluntária, estratégica, conjuntural a partir de uma situação de opressão e injustiça dada. [...] não precisa de mais nada para o surgimento de um sujeito político capaz de realizar uma pequena, média ou grande revolução.

### Considerações Finais

As enunciações performatizadas pelos jovens atletas desestabilizaram o reconhecimento de uma única identificação para o masculino no esporte, identificação essa que é heterocentrada por preceitos heteronormativos e que é tida como sedimentada historicamente nesse espaço. Os jovens jogadores visibilizaram, ainda que dentro de um contexto restrito, possibilidades alternativas de performatizações das masculinidades no esporte, caminhando para um movimento de ruptura com as normas.

Os efeitos gerados mostravam a reação conservadora do treinador frente à subversão *queer*/cuir performatizada pelos jovens atletas ao exigir o enquadramento deles dentro das premissas normalizadoras instituídas ao masculino no esporte, pela principal justificativa de que o rendimento seria prejudicado. Todavia, as mesmas enunciações subversivas ressignificavam-se naquele espaço esportivo como estímulo ao melhor rendimento dos jovens jogadores nos treinos e nos jogos, contrariando as exigências do treinador.

Contudo, o discurso regulatório do treinador também foi reiterado por alguns dos jovens atletas ao legitimarem a posição sobre “não dar pinta” e, mesmo que não seguida à risca, conforme constatado pelas observações realizadas, não foi suficiente para desestabilizar por completo a heteronormatividade que se faz presente nos espaços esportivos masculinos. Nesse sentido, pode-se constatar como as relações de poder são negociadas entre os sujeitos dentro dos seus contextos locais.

Por fim, reconheço que a agência linguística das enunciações permite que os sujeitos construam suas identificações e performatizações subvertendo as lógicas

heterocentradas e heteronormativas que insistem em nos enquadrar no binarismo. É nesse mesmo lugar da reiteração da norma que também se produz diferenças e, nesse sentido, um horizonte de *queer*(cuir)ização das masculinidades se vislumbrou de modo produtivo na pesquisa e localizou o espaço do esporte, ainda que num contexto específico, como um campo importante de disputas.

## Referências

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRITO, Leandro Teófilo de. Da masculinidade hegemônica à masculinidade *queer*/cuir/kuir: disputas no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cNwyVKFqHbkqkrb3kcbsvQc/?lang=pt> . Acesso em: 22 out. 2023.

BRITO, Leandro Teófilo de. **Enunciações de masculinidade em narrativas de jovens atletas de voleibol**: leituras em horizonte *queer*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/10469> . Acesso em: 22 out. 2023.

BUTLER, Judith; AHMED, Sara. Entrevista. Judith Butler: ‘boa parte de teoria *queer* foi dirigida contra o policiamento da identidade’. **Revista Com Ciência**, Campinas, vol. 1, n. 185, fev. 2017. Disponível em: <http://www.comciencia.br/entrevista-com-judith-butler/> . Acesso em: 29 out. 2023.

BUTLER, Judith. Alianças *queer* e política anti-guerra. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 11, n. 16, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/12530> . Acesso em: 17 out. 2023.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: N-1, 2019.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CULLER, Jonathan. **Sobre a desconstrução**: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Esporas**. Os estilos de Nietzsche. Rio de Janeiro: NAU, 2013.

DERRIDA, Jacques. **Limited inc**. Campinas: Papirus, 1991.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GARCIA, Lorelay Gomes. A Mensuração de Sujeitos Fluídos e Provisórios. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 242-246, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/14234/8161> . Acesso em: 29 out. 2023.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Derrida e o labirinto de inscrições**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

HALBERSTAM, Jack. **Masculinidad femenina**. Barcelona-Madrid: Egales, 2008.

KRISTEVA, Julia. **Poderes de la perversión**: ensayo sobre Louis-Ferdinand Céline. Madrid: Siglo XXI, 1988.

LEITE, Miriam Soares. Ativismo político e juventude: catracas na escola e na cidade para os jovens mais jovens. **Revista da FAEBA**, Salvador, v. 26, n.49, p. 169-185, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeba/article/view/4028/2548> . Acesso em: 29 out. 2023.

LEÓN, Adriano de. Os labirintos do desejo: desenhando uma metodologia anarcoqueer. **Revista de ciências sociais-política & trabalho**, João Pessoa, v. 1, n. 36, p. 219-235, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/12872> . Acesso em: 29 out. 2023.

BROWNE, Kath; VIEIRA, Paulo Jorge; SILVA, Joseli Maria. Geografias das sexualidades: deslocando hegemonias? Uma entrevista com Kath Browne. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 254-262, 2014. Disponível em: [https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/6090/pdf\\_118](https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/6090/pdf_118) . Acesso em: 29 out. 2023.

PELÚCIO, Larissa. O Cu (de) Preciado? Estratégias cucarachas para não higienizar o *queer* no Brasil. **Iberic@l: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines**, Paris, v. 1, p. 123-136, jul. 2016. Disponível em: <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2016/05/Pages-from-Iberic@l-no9-printemps-2016-12.pdf> . Acesso em: 17 out. 2023.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Queer* decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea**, São Carlos, v. 5, n. 2, p. 411-437, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/340/146>. Acesso em: 17 out. 2023.

PHOENIX, Ane. Analysing narrative contexts. In: ANDREWS, Molly; SQUIRE, Carinne; TAMBOUKOU, Maria (Orgs.). **Doing Narrative Research**. 2ª ed. Los Angeles: SAGE, p.113-134.

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. **Revista Delta**, São Paulo, v. 23, p. 1-26, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v23n1/a01v23n1.pdf> . Acesso em: 29 out. 2023.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RODRIGUES, Carla. **Coreografias do feminino**. Florianópolis: Editora mulheres, 2009.

ROOKE, Alison. *Queer in the field: On emotions, temporality and performativity in Ethnography*. In: BROWNE, Kathe; NASH, Catherine (Orgs.). **Queer methods and methodologies**. London: Asghate, 2010. p. 25-40.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu**: políticas anais. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Queer performativity: Henry James's The art of the novel*. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 1, n. 1, 1993, p. 1-16. Disponível em: <http://glq.dukejournals.org/login?uri=%2Fcontent%2F1%2F1%2F1.full.pdf%2Bhtml%3Faddtocart%3Dundefined> . Acesso em: 17 out. 2023.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. São Paulo: n-1 edições, 2019.

Recebido em outubro de 2023.

Aprovado em dezembro de 2023.